INFORMAÇÃO & INFORMAÇÃO
DOI: 10.543/1981-8920.2026v31n3p147
eISSN 1981-8920

Estratégias narrativas, comunicacionais e colaborativas nas práticas de mediação literária em ambiente digital

Ana Clara Souza Silva

Graduanda do curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, Brasil.
claraana1322@alu.ufc.br

Maria Giovanna Guedes Farias

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação e do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará (UFC). Fortaleza, Brasil.
giovannaguedes@ufc.br

Resumo

Objetivo: identificar as estratégias narrativas, comunicacionais e colaborativas utilizadas para engajar leitores, a fim de compreender como tais estratégias podem ser interpretadas como práticas de mediação literária e cultural no ambiente digital. **Metodologia**: a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, voltada à compreensão de fenômenos simbólicos e culturais relacionados à leitura literária em ambientes digitais. **Resultados**: o estudo do projeto *Infinite Summer* demonstra que a mediação literária digital foi eficaz para sustentar o engajamento de leitores diante de uma obra como Graça Infinita ao combinar estratégias organizacionais, comunicacionais e afetivas. Ao mesmo tempo, os resultados evidenciam que o engajamento depende de fatores como o sentimento de pertencimento e a construção coletiva de sentido, mas também enfrenta limites relacionados à complexidade da obra, às desigualdades entre participantes e às pressões implícitas do ambiente comunitário. Por fim, a pesquisa indica que a mediação literária digital pode ser uma estratégia potente de formação de leitores, desde que seja planejada de forma sensível às dificuldades individuais, incorporando elementos capazes de transformar a leitura em uma experiência compartilhada e significativa. **Conclusões**: o estudo demonstra que o *Infinite Summer* configurou um modelo eficaz de mediação literária digital ao promover a leitura coletiva de Graça Infinita, evidenciando que o engajamento dos leitores depende da articulação entre estratégias. Os resultados mostram que elementos utilizados favorecem a permanência na leitura, enquanto dimensões humanas como empatia e acolhimento são centrais para o sucesso da mediação.

Descritores: Mediação literária. Cultura digital. Leitura coletiva. Graça infinita. Mediação cultural.

Recebido em: 24.06.2026 | **Aceito em:** 29.08.2026

1 Introdução

A mediação literária tem se consolidado como uma dimensão essencial da prática bibliotecária contemporânea, especialmente diante dos desafios impostos pela sociedade digital e da aceleração das formas de consumo cultural. Em um cenário em que a atenção se fragmenta entre múltiplas telas e estímulos, e em que os algoritmos de recomendação tendem a privilegiar textos curtos e narrativas de fácil assimilação, a aproximação entre leitores e obras de alta densidade intelectual pode se tornar uma tarefa complexa. Nessa conjuntura, o bibliotecário não pode mais ser visto apenas como gestor técnico de acervos, mas como mediador cultural, alguém capaz de traduzir, comunicar e criar condições para que a literatura se torne uma experiência crítica, social e transformadora.

Entre as obras que mais evidenciam a necessidade de mediação está Graça Infinita (2014), de David Foster Wallace. Publicado em um contexto de saturação midiática e de crise das grandes narrativas, o romance tornou-se um ícone da literatura pós-moderna norte-americana, tanto por sua extensão monumental, mais de mil páginas e quase quatrocentas notas de rodapé, quanto por sua estrutura fragmentária. Graça Infinita articula múltiplas vozes, alternando registros discursivos, estilos, gêneros e tempos, em um fluxo que exige do leitor atenção, paciência e resistência.

Essa complexidade faz com que a obra, apesar de seu reconhecimento crítico, permaneça distante da maioria dos leitores. A densidade do texto, aliada à ironia, ao vocabulário técnico e à multiplicidade de enredos, cria uma barreira que, em muitos casos, desencoraja a leitura.

Diante desse desafio, práticas de mediação literária tornam-se fundamentais para permitir que leitores não especializados possam se aproximar da obra e compreender suas múltiplas camadas de sentido. A mediação, nesse contexto, não significa simplificar o texto, mas criar condições de acesso que possibilitem a fruição estética e a construção de significados compartilhados.

Um exemplo de mediação voltada especificamente a Graça Infinita é o projeto *Infinite Summer*, realizado em 2009, que mobilizou milhares de leitores de diferentes países em torno de uma leitura coletiva e comentada do romance. O projeto, idealizado por Matt Bucher e outros entusiastas da obra, propunha um cronograma de

leitura de cerca de 75 páginas por semana, acompanhada por fóruns de discussão, resenhas críticas e materiais de apoio. Essa iniciativa constituiu-se como uma forma pioneira de mediação literária digital e cultural, demonstrando que obras de alta complexidade podem se tornar acessíveis quando inseridas em comunidades colaborativas de leitura.

A importância do *Infinite Summer* reside na democratização do acesso à obra de Wallace, na criação de uma nova forma de leitura, sustentada pela interação entre leitores e mediadores digitais. Os fóruns e blogs associados ao projeto funcionaram como espaços de diálogo, onde cada participante podia compartilhar dúvidas, interpretações e descobertas. A leitura, que tradicionalmente ocorre em silêncio e isolamento, transformou-se em um ato coletivo e socialmente compartilhado.

A mediação digital e cultural, portanto, revela-se uma ferramenta poderosa para lidar com a complexidade de Graça Infinita. Por meio de blogs, podcasts, fóruns e redes sociais, leitores puderam criar suportes simbólicos para enfrentar o desafio da leitura, transformando a experiência individual em uma jornada comunitária. Além disso, o *Infinite Summer* exemplifica como o mediador contemporâneo pode assumir novas funções em ambientes digitais. O papel do bibliotecário, então, é o de curador de experiências, alguém que orienta o leitor em meio ao excesso informacional, oferecendo percursos interpretativos e contextos de leitura.

A experiência mostra que a mediação digital pode ir muito além da simples divulgação de livros nas redes sociais. Trata-se de repensar o papel do mediador como agente de criação de ecossistemas de leitura, espaços digitais e afetivos onde o leitor encontra suporte para enfrentar obras desafiadoras. Essa perspectiva é especialmente relevante para a Biblioteconomia contemporânea, que busca renovar sua função social diante das mudanças tecnológicas e de suas complexidades. O bibliotecário, inserido nesse contexto, torna-se um articulador cultural capaz de unir a tradição da leitura literária à inovação das práticas digitais colaborativas.

A leitura de Graça Infinita no *Infinite Summer* demonstrou que o prazer e o desafio intelectual não são mutuamente excludentes, desde que mediados de forma sensível e planejada. O engajamento coletivo, os debates virtuais e o acompanhamento constante criaram uma sensação de pertencimento que substituiu o isolamento por uma forma de solidariedade leitora. Assim, o ato de ler Wallace deixou de ser um exercício solitário e se tornou uma experiência social

emocionalmente compartilhada.

Essa dimensão comunitária da leitura é um dos principais ensinamentos que podem ser trazidos para o campo bibliotecário. Clubes de leitura digitais, grupos de discussão em bibliotecas públicas e projetos institucionais de leitura compartilhada podem inspirar-se no modelo do *Infinite Summer*, adaptando-o às realidades locais e aos repertórios culturais dos leitores brasileiros. O bibliotecário, nesse contexto, assume um papel de mediador entre a complexidade da literatura e a multiplicidade de leitores, atuando como facilitador de experiências, descobertas e pertencimentos, mas também deve ser um profissional consciente das intricações em torno das lógicas algorítmicas das plataformas digitais, pois a forma como o usuário interage, interpreta e age no meio digital passa por análises deste ecossistema invisível, o qual converte essas interações em dados e os monetiza para atender outras demandas de engajamento.

Pensar a mediação literária a partir de Graça Infinita, significa refletir sobre como as práticas culturais e tecnológicas contemporâneas podem reencantar o ato de ler. A obra de Wallace, com sua ironia, densidade e humanidade, exige do leitor um esforço que é, ao mesmo tempo, intelectual e emocional. O *Infinite Summer* mostrou que esse esforço pode ser compartilhado e que a leitura, mediada de forma colaborativa, pode transformar-se em um ato de resistência à superficialidade e ao esquecimento.

Assim, a mediação literária, quando aplicada a obras de alta complexidade, como Graça Infinita, revela-se como uma estratégia de acesso, como um ato cultural e político, que reafirma a literatura como espaço de encontro, reflexão e construção coletiva de sentido. Nesta perspectiva, o bibliotecário emerge como figura-chave, não mais o guardião do livro, mas o mediador do diálogo entre texto, leitor e mundo.

A partir dessas reflexões, delineia-se a seguinte questão de partida: como o projeto *Infinite Summer* mobiliza estratégias de mediação literária digital e cultural capazes de favorecer o engajamento e a permanência dos leitores na leitura de uma obra complexa como Graça Infinita, e de que forma essas estratégias podem ser incorporadas à prática bibliotecária no contexto da promoção da leitura? Para responder a esta pergunta, construiu-se o seguinte objetivo: identificar as estratégias narrativas, comunicacionais e colaborativas utilizadas para engajar leitores, a fim de compreender como tais estratégias podem ser interpretadas como práticas de

mediação literária e cultural no ambiente digital.

2 Mediação literária

A mediação da leitura literária constitui-se como um dos eixos centrais da prática bibliotecária contemporânea. Isso ocorre porque a leitura, no horizonte atual, é compreendida para além da dimensão técnica da decodificação de signos linguísticos, assumindo um caráter cultural, subjetivo e social. Nesse sentido, a mediação não pode ser reduzida a mero instrumento de facilitação do acesso ao livro, mas precisa ser reconhecida como um conjunto de ações intencionais que possibilitam o encontro significativo entre leitores, textos e contextos culturais (Almeida Júnior, 2015).

Paulo Freire (1981) inaugura um modo de pensar a leitura que fundamenta parte desse entendimento. Ao afirmar que "[...] a leitura do mundo precede a leitura da palavra" (Freire, 1981), o autor sublinha que o ato de ler é inseparável da vida cotidiana. Assim, a mediação transcende a simples transmissão de informações e se converte em prática cultural e política, que cria condições para que o leitor atribua sentido às palavras a partir de sua própria realidade. Freire (1981) reforça que: "Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto".

Nesse sentido, a mediação freireana se fundamenta no diálogo e na horizontalidade. O mediador, tal como o educador crítico, não fala para o leitor, mas com o leitor. Sua função é estabelecer conexões entre o conhecimento sistematizado e o saber cotidiano, estimulando a reflexão crítica e o posicionamento ativo diante do texto. Esse modelo inspira práticas de mediação literária que não se limitam à promoção do livro, mas se articulam com a realidade social, aproximando a literatura das vivências dos sujeitos.

Complementarmente, Michèle Petit (2009) destaca a dimensão simbólica e íntima da leitura, ressaltando seu potencial como espaço de resiliência e elaboração subjetiva. Para a autora, a leitura pode funcionar como "refúgio" e como "distância em relação ao imediato" (Petit, 2009). Em suas palavras:

> As bibliotecas podem ser lugares que salvam vidas, porque oferecem histórias, personagens e linguagens que permitem ao leitor deslocar-

> se de si mesmo e descobrir possibilidades antes inimagináveis. Muitas vezes, não é apenas um livro que se oferece, mas a possibilidade de sonhar e de se reconstruir (Petit, 2009, p. 45).

Eliana Yunes (1995), por sua vez, aprofunda o debate ao ressaltar a importância da fruição. Para a autora, a ausência do prazer em ler cria um divórcio entre leitor e texto, que só pode ser superado pela mediação como prática cultural e afetiva. Como escreve: “o mediador é alguém que, antes de tudo, oferece condições de fruição, reconhecendo no leitor a capacidade de interagir, criticar e recriar o texto” (Yunes, 1995).

Um aspecto decisivo da mediação contemporânea é a incorporação das tecnologias digitais. Plataformas colaborativas, fóruns, grupos de leitura em redes sociais e cronogramas virtuais permitem que a literatura seja vivida como prática coletiva, ainda que mediada por telas. A mediação digital rompe barreiras geográficas e temporais, permitindo que leitores de diferentes países compartilhem experiências e interpretações.

Segundo Henry Jenkins (2006), esse tipo de participação configura o que se chama de “cultura participativa”, em que os leitores se tornam co-criadores de conteúdo e significados. Assim, a mediação digital da leitura além de ampliar o acesso, redefine o papel do mediador, que passa a atuar como curador, animador e moderador de comunidades interpretativas. O bibliotecário, nesse cenário, precisa dominar não apenas as técnicas de gestão informacional, mas também as dinâmicas das redes digitais, as linguagens multimodais e os princípios de inclusão digital.

A mediação literária também pode ser vista como uma forma de resistência cultural. Petit (2009) lembra que, em contextos de vulnerabilidade social, a leitura pode oferecer “uma chance de se reinventar”. A mediação, ao abrir o espaço da palavra a quem historicamente foi silenciado, torna-se um gesto político de inclusão. Bibliotecas públicas que desenvolvem clubes de leitura em comunidades periféricas, prisões e escolas públicas exemplificam essa função reparadora e transformadora da mediação.

A mediação também implica um exercício constante de formação e autocrítica. O mediador deve ser, ele próprio, um leitor em movimento, aberto a novas linguagens e sensibilidades. Cada leitor que encontra, em um livro, uma nova forma de compreender o mundo, é testemunho do sucesso dessa prática silenciosa e essencial.

3 Mediação digital

A emergência do ambiente digital transformou profundamente o modo como os sujeitos interagem com os textos e entre si, fazendo surgir novas formas de mediação literária. Segundo Karel Soumagnac (2008), o espaço virtual representa “um novo paradigma das práticas de mediação literária”, pois nele o leitor não é somente destinatário da mensagem, mas também agente ativo na produção e difusão do sentido.

Nessa mesma linha, Henry Jenkins (2006) descreve o fenômeno da cultura participativa como o principal motor da reconfiguração das práticas de leitura e escrita na era da convergência. Para o autor, as plataformas digitais não apenas hospedam conteúdos, mas instauram ecossistemas de colaboração, remixagem e compartilhamento de interpretações. Assim, a leitura deixa de ser uma atividade isolada para se tornar uma prática social que combina sociabilidade, afeto e produção coletiva de sentido.

A leitura digital, conforme analisa Emanoel Pires de Assis (2017), também introduz uma nova relação entre corpo e texto. O autor propõe compreender o gesto de leitura em meio digital como uma mediação corporal, na qual a materialidade do suporte e os movimentos do leitor (rolar, clicar, deslizar) se tornam parte integrante da experiência estética. Ele observa que ao solicitar o “[...] envolvimento do corpo do leitor, a leitura literária em meio digital põe em evidência [...] uma combinação de gestos de leitura cristalizados pelas convenções culturais e gestos novos, requisitados pela forma como a obra se comporta em seu novo suporte” (Assis, 2017, p. 142).

Essa análise reforça a ideia de que a mediação digital é, ao mesmo tempo, tecnológica e sensorial. O mediador, ao planejar ações de leitura em rede, deve levar em conta não apenas o conteúdo textual, mas também a experiência tátil, visual e interativa dos leitores. A mediação digital é, portanto, uma prática multissensorial, que combina o simbólico, o técnico e o afetivo, mas também deve ser realizada de maneira consciente, tendo em vista as problemáticas em torno das plataformas virtuais e das lógicas algorítmicas e mercadológicas por trás das estruturas tecnológicas. Ou seja, é preciso estabelecer sempre a crítica sobre a não neutralidade do ambiente digital, principalmente por quem atua com mediação cultural e literária nesta seara de bits.

Karel Soumagnac (2008) observa que, na cultura digital, a leitura e a mediação

deixam de ser atividades hierarquizadas e tornam-se práticas horizontais, em que os próprios internautas produzem, comentam e difundem conteúdos literários. Segundo o autor, “os internautas têm a possibilidade de depositar e comentar informações, o que legitima, de fato, certos autores, obras e eventos culturais”. Essa constatação revela que a autoridade simbólica, antes concentrada em instituições editoriais e acadêmicas, passa a ser compartilhada pelos próprios leitores, que “participam no processo de legitimação cultural” e interferem na visibilidade das obras.

Entretanto, é preciso estabelecer, neste contexto, uma reflexão sobre a fruição estética conectada à subjetividade do ato de ler e de promover interações com uma obra. Mesmo com as vantagens do digital, não se deve prescindir de visualizar as plataformas digitais como um sistema que converte nossas interações em métricas e capital, ou seja, o mundo digital facilita a interação, mas também ganha e performatiza com ela para produção e engajamento de novos conteúdos, alimentando o marketing digital e uma complexa rede de ecossistemas. Zuboff (2021) ratifica essa crítica ao afirmar que a infraestrutura das plataformas digitais são justamente projetadas para prever comportamentos e conduzi-los, por isso, as experiências de leitura no ambiente digital sofrem, inevitavelmente, processos de funcionalização.

Nesta perspectiva, o mediador contemporâneo precisa, portanto, compreender a leitura digital como experiência expandida, que articula o sensorial, o cognitivo e o coletivo, e também que passa por processos de funcionalização. A leitura deixa de ser apenas um processo de decodificação para se tornar um ato performativo, no qual o leitor manipula o texto, comenta, compartilha e responde publicamente. Plataformas como Goodreads, Wattpad e Skoob permitem que leitores de diferentes origens compartilhem leituras, criem resenhas e participem de grupos temáticos. Esses espaços funcionam como comunidades informais de mediação literária. A legitimidade simbólica, antes conferida apenas a críticos e editores, é agora construída coletivamente pelos próprios leitores, que definem o valor cultural das obras através da interação e da recomendação social.

É importante reconhecer que a mediação digital, embora inovadora, precisa estar ancorada em princípios éticos e pedagógicos. Inspirado em Freire (1981), entende-se que a mediação digital deve promover não apenas o acesso técnico, mas a autonomia leitora e o pensamento reflexivo. Já o mediador não deve apenas controlar o fluxo de informações, mas cultivar o diálogo e a consciência crítica no

espaço digital, pois a leitura neste ambiente perpassa por lógicas de instrumentalização e capitalização das plataformas com extração de dados e controle algorítmico deste sistema.

4 Metodologia

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, de natureza exploratória e descritiva, voltada à compreensão de fenômenos simbólicos e culturais relacionados à leitura literária em ambientes digitais. Mais do que quantificar dados ou medir resultados, o objetivo é compreender sentidos, práticas e estratégias envolvidos na mediação de uma obra literária de alta complexidade por meio de uma comunidade online. A escolha da abordagem qualitativa justifica-se pela natureza interpretativa do problema de pesquisa, que envolve dimensões subjetivas, dimensões que exigem leitura atenta de discursos, práticas e interações.

O método utilizado foi a pesquisa qualitativa, pois de acordo com Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa se caracteriza pela tentativa de compreender o mundo em seus próprios termos, descrevendo e interpretando as experiências humanas de modo contextualizado. No caso deste estudo, o fenômeno observado, a leitura coletiva de Graça Infinita promovida pelo *Infinite Summer*, configura-se como uma experiência de mediação cultural e informacional emergente em ambiente virtual. A escolha da abordagem qualitativa permite que essa multiplicidade seja reconhecida e valorizada, respeitando o caráter interpretativo, afetivo e social do ato de ler.

Para analisar os dados, se fez uso da técnica de análise de conteúdo, conforme sistematizada por Bardin (2011). A análise de conteúdo constitui um conjunto de técnicas destinadas a examinar comunicações de maneira objetiva, sistemática e inferencial, permitindo identificar categorias, temas, sentidos e padrões que estruturam os discursos presentes no corpus. Essa escolha metodológica justifica-se pela natureza textual e discursiva dos materiais analisados, que expressam práticas de mediação literária e modos de participação dos leitores ao longo da leitura coletiva de Graça Infinita.

A escolha de Graça Infinita como eixo do estudo não se deve apenas à sua complexidade formal e densidade temática, mas à sua própria condição de romance enciclopédico, termo cunhado por Edward Mendelson (1976) para designar obras que

procuram reunir e problematizar o saber humano dentro de uma estrutura literária totalizante. O romance de Wallace, com mais de mil páginas e centenas de notas de rodapé, é reconhecido por sua capacidade de representar o caos informacional da contemporaneidade (Letzler, 2012). Essa característica o torna um campo fértil para observar como comunidades de leitores constroem mediações coletivas diante de textos que desafiam as formas convencionais de leitura.

Em termos metodológicos, o corpus de análise será composto pelos materiais ainda disponíveis nos arquivos digitais do *Infinite Summer*, incluindo as postagens dos coordenadores, as contribuições dos chamados *guides* (leitores convidados que escreveram ensaios semanais), e as discussões geradas nos fóruns. Como boa parte do conteúdo se perdeu com o tempo, será utilizado os arquivos do site *Wayback Machine*. Esses documentos serão examinados à luz da análise de conteúdo, com o intuito de identificar categorias ligadas às formas de mediação (comunicação, engajamento, acolhimento, curadoria e autoria coletiva). Cada uma dessas categorias será observada em relação à sua função mediadora e ao modo como promove o acesso e a compreensão de uma obra de difícil leitura.

5 Graça Infinita: complexidade, cultura e mediação

Graça Infinita, romance monumental de David Foster Wallace, publicado em 1995, ocupa posição central no debate sobre literatura pós-moderna e hipertextualidade narrativa. Com mais de mil páginas no original, incluindo quase 100 de notas de rodapé, muitas delas indispensáveis ao enredo, a obra se tornou símbolo de uma literatura que exige esforço cognitivo, participação ativa do leitor e constante reconstrução de sentidos (Letzler, 2012). A tradução brasileira, publicada em 2014 pela Companhia das Letras, mantém essa densidade estrutural, preservando o caráter fragmentário e enciclopédico do texto.

O enredo ocorre em um futuro próximo e reconfigurado, em que anos são patrocinados por corporações, como o “Ano da Fralda para Adultos Depend”. A narrativa entrelaça três núcleos principais: a família Incandenza, responsável por uma obra cinematográfica tão prazerosa que paralisa quem a assiste; os residentes de um centro de reabilitação para dependentes químicos; e um complô geopolítico envolvendo grupos separatistas que desejam transformar o filme em arma ideológica.

O enredo, porém, é compreendido mais como rede que como linha, multiplicando perspectivas, movimentos temporais e níveis discursivos.

A estrutura fragmentária e a complexidade referencial da obra tornam praticamente inevitável a busca de informações externas. Nesse sentido, o romance já pressupõe um leitor conectado a redes de circulação cultural e disposto à leitura colaborativa, uma prática que se coaduna com os princípios da cultura participativa digital analisados por Jenkins (2006). Graça Infinita parece, portanto, exigir aquilo que o *Infinite Summer* proporcionou: uma comunidade de leitores compartilhando dúvidas, frustrações e descobertas.

6 Projeto *Infinite Summer*

Ao longo das últimas décadas, o advento das tecnologias digitais e a expansão das redes sociais transformaram profundamente as práticas de leitura, escrita e circulação da literatura. O ato de ler, antes situado em espaços delimitados, passou a se deslocar para ambientes virtuais colaborativos, onde leitores, críticos e curiosos se reúnem para compartilhar interpretações, recomendações e experiências. Nesse contexto, surgem novas formas de mediação literária digital, nas quais a leitura deixa de ser um gesto isolado e passa a constituir-se como prática comunitária e interativa. O projeto *Infinite Summer* representa um dos marcos inaugurais desse movimento, configurando-se como um experimento pioneiro de leitura coletiva online de uma obra complexa, Graça Infinita, de David Foster Wallace (2014).

O *Infinite Summer* oferece um modelo empírico para pensar a relação entre literatura de alta complexidade e estratégias de mediação cultural. O desafio proposto, ler mais de mil páginas repletas de digressões filosóficas, notas de rodapé e narrativas fragmentadas, exigia não apenas disciplina, mas também apoio interpretativo. Nesse sentido, a comunidade virtual criada em torno do projeto ajudou a construir caminhos de acesso à obra, contextualizar suas referências, reduzir barreiras simbólicas e afetivas e, sobretudo, manter o entusiasmo e a adesão dos participantes ao longo do tempo. Ao articular saberes dispersos e transformar a dificuldade em estímulo, o *Infinite Summer* revela como a mediação pode se expandir, alcançando a esfera pública digital.

Outro aspecto relevante é o caráter memorial e afetivo que motivou o projeto.

Organizado poucos meses após a morte de David Foster Wallace, o *Infinite Summer* foi uma celebração literária, enquanto era, também, um ritual coletivo de luto e homenagem. A leitura compartilhada tornou-se uma forma de rememoração, em que o texto de Wallace funcionou como ponto de encontro para uma comunidade global de leitores. Essa dimensão afetiva é central na mediação literária, como observa Petit (2009), ao afirmar que ler junto é também "reconhecer-se no outro por meio da palavra compartilhada".

O projeto combinou ferramentas tecnológicas (*blogs*, cronogramas, fóruns, *Twitter*) com estratégias de engajamento típicas da mediação cultural, como divisão de tarefas, produção de paratextos, acompanhamento de progresso e celebração de marcos de leitura. Essa articulação entre tecnologia e pedagogia literária pode resultar em uma forma de mediação, marcada por descentralização, interatividade e abertura, mesmo diante de toda a problemática sobre as lógicas algorítmicas das plataformas, como observadas no referencial teórico deste artigo. A estrutura horizontal do projeto cria um ambiente de aprendizagem mútua, em que cada leitor se torna, simultaneamente, aprendiz e mediador, multiplicando as possibilidades interpretativas da obra.

6.1 Origem, estrutura e funcionamento

O *Infinite Summer* nasceu em junho de 2009 como uma iniciativa independente, organizada por um grupo de leitores e escritores norte-americanos interessados em revisitar a obra de David Foster Wallace após sua morte, ocorrida em setembro de 2008. A ideia partiu de Matt Bucher, editor e pesquisador. Em seu convite inicial, publicado no site infinitesummer.org, Bucher propôs um desafio que se tornaria célebre entre leitores da era digital: "*Three months. Seventy-five pages a week. Infinite Jest*" (Três meses. 75 páginas por semana. Graça Infinita). A proposta era simples, mas profundamente simbólica: transformar o ato individual de ler um romance notoriamente difícil em um esforço coletivo, organizado e público, a ser cumprido durante o verão norte-americano.

Do ponto de vista organizacional, o *Infinite Summer* adotou um modelo descentralizado de mediação. O blog principal era administrado por uma equipe de quatro guias de leitura, Matt Bucher, Avery Edison, Kevin Guilfoile e Kathleen

Fitzpatrick, que se revezavam na escrita dos posts e na moderação dos debates. Cada guia tinha um estilo próprio: Bucher mantinha uma abordagem mais crítica e analítica, Fitzpatrick escrevia sobre os aspectos estruturais e estilísticos do romance, Edison explorava o humor e a dimensão afetiva da leitura, enquanto Guilfoile adotava um tom mais acessível e provocativo. Essa diversidade de vozes fazia com que a mediação não se apresentasse de forma unificada, mas como uma orquestra de interpretações, em que o leitor era constantemente convidado a comparar perspectivas, dialogar e construir sua própria leitura.

O projeto contava, ainda, com uma seção chamada *Infinite Jest Resources*, onde eram disponibilizados links, glossários, mapas e cronologias criados pelos próprios leitores. Esses materiais funcionavam como ferramentas de mediação paratextual, fornecendo chaves de leitura e contextualização que ajudavam o público a navegar pelo intrincado universo narrativo de Wallace. Bussert-Webb e Henry (2017) destacam que tais práticas de apoio, que vão desde resumos até anotações colaborativas, são fundamentais em contextos de leitura digital, pois reduzem barreiras de compreensão e estimulam a permanência do leitor. O *Infinite Summer*, nesse sentido, antecipou muitas estratégias hoje empregadas em clubes de leitura virtuais e projetos de mediação literária em bibliotecas digitais.

Por sua amplitude e engajamento, o *Infinite Summer* ultrapassou os limites do experimento literário e tornou-se um fenômeno cultural. Diversos jornais e revistas, como *The New Yorker, Time* e *The Guardian*, publicaram matérias sobre o projeto, descrevendo-o como uma “experiência pedagógica informal” e um exemplo de como a leitura poderia se adaptar à era digital sem perder densidade intelectual. O sucesso do *Infinite Summer* também estimulou o surgimento de outros projetos semelhantes, como o *Infinite Winter* (2016), que repetiu o formato anos depois, e inspirou bibliotecas e clubes de leitura universitários a replicarem o modelo de cronograma coletivo e discussão virtual.

6.2 Práticas de mediação e recursos utilizados

O funcionamento cotidiano do *Infinite Summer* foi sustentado por um conjunto articulado de práticas de mediação que integravam o ritmo de leitura, os canais de interação e a produção coletiva de conhecimento. O *blog* central operava como o

núcleo estruturador do projeto: a cada semana, uma postagem apresentava um panorama do trecho a ser lido, destacava temas, personagens e dificuldades de compreensão, e propunha tópicos para discussão. Essa estrutura, aparentemente simples, funcionava como um roteiro de mediação literária, análogo à curadoria de leitura desenvolvida em bibliotecas ou clubes de leitura presenciais. Em vez de impor uma interpretação única, os mediadores ofereciam múltiplas perspectivas e convidavam o público à reflexão, criando uma rede dialógica de interpretação.

O *Infinite Summer* também incorporou estratégias narrativas de mediação digital, que ampliaram o alcance e a interatividade do projeto. Além das postagens principais, o blog apresentava textos curtos com curiosidades, citações do romance, trechos comentados e links externos, uma forma de paratexto multimodal que funcionava como guia de leitura fragmentado, em sintonia com a própria estrutura de Graça Infinita. Essa multiplicidade de caminhos de leitura é o que Genette (1987) denominaria paratextualidade, ou seja, o conjunto de textos que circundam a obra e orientam sua recepção. No caso do *Infinite Summer*, o paratexto era produzido não apenas pelos mediadores, mas também pelos leitores, que criavam glossários colaborativos, cronogramas visuais e até infográficos para mapear a complexa arquitetura narrativa do romance.

O uso das redes sociais também teve papel decisivo na ampliação do alcance do *Infinite Summer*. No *Twitter*, leitores publicaram suas reações em tempo real, utilizando *hashtags* como #InfSum e #DFW, o que gerava microdebates e permitia o acompanhamento simultâneo da leitura por pessoas que nunca haviam acessado o blog principal. Essa expansão do projeto para múltiplas plataformas configurou o que Jenkins (2006) chama de cultura da convergência, na qual a narrativa se dispersa entre diferentes meios, mas mantém uma unidade simbólica pela participação ativa do público.

Outro elemento crucial do funcionamento do *Infinite Summer* foi a dimensão emocional do engajamento. O projeto não se limitava a promover a leitura de Graça Infinita como exercício intelectual, mas também mobilizava afetos, especialmente empatia, humor e identificação. Muitos leitores relataram que o apoio mútuo e o encorajamento coletivo foram decisivos para seguir o cronograma. Em depoimentos publicados no blog, expressões como “não estou sozinha nesta leitura” ou “descobrir que todos estamos confusos é libertador” reforçam o caráter terapêutico e comunitário

da experiência. Essa dimensão afetiva conecta-se diretamente à função social da mediação literária, que, conforme Almeida Júnior (2015), visa "[...] facilitar encontros entre sujeitos e textos por meio de vínculos simbólicos e afetivos".

7 Análise e discussão de resultados

Considerando que o projeto se estruturou como uma comunidade colaborativa em torno de Graça Infinita, de David Foster Wallace, torna-se possível compreender seus efeitos tanto na apropriação do texto literário quanto na constituição de um espaço social de leitura. Assim, mais do que quantificar participantes ou medir engajamentos, a análise volta-se para a compreensão qualitativa das interações, das estratégias mediadoras empregadas e dos sentidos produzidos no encontro entre leitores, obra e tecnologias. A seguir apresenta-se as categorias de análise.

Na categoria Estratégias que sustentaram o sucesso do projeto foi analisado o êxito do *Infinite Summer* enquanto experiência de mediação digital da leitura, o qual pode ser atribuído a um conjunto de estratégias articuladas que atuaram simultaneamente no nível organizacional, comunicacional, pedagógico e afetivo da prática leitora. Essas estratégias favoreceram a continuidade da leitura, fator frequentemente crítico em obras de alta complexidade, e também promoveram a construção de uma comunidade colaborativa, capaz de sustentar o engajamento ao longo de 92 dias. A seguir, discute-se detalhadamente cada uma dessas estratégias, observando-se como elas se relacionam com os princípios da mediação literária.

A primeira estratégia fundamental foi o estabelecimento de um cronograma rigoroso e compartilhado. A divisão do romance em cerca de 75 páginas semanais funcionou como mecanismo de organização coletiva, proporcionando metas claras e viáveis para os leitores. Esse tipo de estrutura encontra respaldo no que Petit (2009) descreve como "continuidade da experiência leitora": criar pequenos rituais que mantém a leitura viva e presente na rotina. No *Infinite Summer*, o cronograma não operava como disciplina coercitiva, mas como pacto comunitário; cumprir as metas semanais significava caminhar junto com os demais, reduzindo a sensação de isolamento e ampliando o sentimento de pertencimento. Essa dimensão social da organização temporal aproxima-se das mediações programáticas como clubes de leitura, mas exercida em escala global e colaborativa.

Outra estratégia foi a presença de mediadores múltiplos e acessíveis, que se revezavam na escrita das postagens oficiais do blog. Ao invés de centralizar a mediação em uma autoridade única, o projeto adotou uma lógica polifônica que oferecia distintas portas de entrada para o texto: posts analíticos, reflexões afetivas, humor, curiosidades e relações intertextuais. Essa multiplicidade reforçava a ideia de que não há uma leitura correta de Graça Infinita, mas sim uma constelação de interpretações possíveis, em consonância com os princípios da mediação dialógica (Almeida Júnior, 2015). A acessibilidade emocional e intelectual desses mediadores também contribuía para reduzir o medo inicial diante do livro, validando dúvidas e dificuldades como parte legítima da experiência.

A terceira estratégia fundamental foi o forte investimento em paratextos como ferramentas de acesso, disponibilizados tanto pelos organizadores quanto pelos participantes. Glossários de personagens, mapas narrativos, explicações sobre as notas de rodapé e cronologias colaborativas atuavam como "apoios cognitivos" que removiam barreiras de compreensão. Genette (1987) conceituou o paratexto como aquilo que permite ao leitor "entrar" na obra, e o *Infinite Summer* ampliou essa noção ao fazer do paratexto um produto coletivo da comunidade, dinamizando a circulação do conhecimento e democratizando o acesso ao romance. Esse processo está diretamente ligado à concepção de mediação como criação de condições para apropriação do texto, conceito central em Carvalho, Nascimento e Bezerra (2018).

Além disso, destaca-se a dimensão afetiva do engajamento. O *Infinite Summer* estimulava que leitores expressassem confusão, humor, frustração e entusiasmo, estabelecendo vínculos emocionais que fortaleciam a permanência no projeto. Muitos participantes relataram que continuaram lendo não apenas pelo livro, mas pela comunidade que os acompanhava. Para Petit (2009), a mediação literária também é cuidado, afeto e reconhecimento; ler junto é, também, formar laços. O *Infinite Summer* captou essa lógica e a expandiu para a esfera transnacional, combinando emoção e intelecto como motores da experiência leitora.

Por fim, o *Infinite Summer* foi guiado por uma dimensão memorial e identitária, uma vez que se desenvolveu poucos meses após a morte de David Foster Wallace. A leitura coletiva funcionou, em parte, como um ritual público de luto e celebração do autor. Esse vínculo comovente manteve o engajamento mesmo diante dos obstáculos do texto, demonstrando que a mediação literária também pode se nutrir de memória,

homenagem e pertencimento cultural.

Já na categoria Fatores de engajamento e desafios enfrentados observou-se que embora o *Infinite Summer* tenha se consolidado como uma experiência de sucesso na mediação digital da leitura, seu desenvolvimento não ocorreu sem tensões, obstáculos e assimetrias. O engajamento dos participantes foi sustentado por uma combinação complexa de fatores motivacionais, organizacionais e afetivos, enquanto os principais desafios estavam ligados à própria natureza da obra escolhida e às características heterogêneas da comunidade. A análise desses aspectos é fundamental para compreender o real alcance do projeto e refletir sobre a sua transposição para práticas bibliotecárias e contextos institucionais formais. Entretanto, é preciso ter em mente que as lógicas estruturais das plataformas digitais funcionam visando à mercantilização das interações e do saber, e induzem os usuários a processos de apropriação cultural intencionais, os quais, segundo Bezerra (2017), geram comportamentos com o objetivo de maximizar a extração de dados.

Um dos principais fatores de engajamento no *Infinite Summer* foi a sensação de pertencimento comunitário, que atuou como força de sustentação emocional e simbólica. A leitura de Graça Infinita frequentemente provoca frustração e desistência quando praticada de maneira solitária. No entanto, a presença de um grupo compartilhando dificuldades e conquistas contribuiu para atenuar o sentimento de inadequação leitora.

Outro fator determinante foi o uso de estratégias de gamificação implícitas. Embora o projeto não tenha adotado explicitamente a lógica de pontuações ou recompensas, o cronograma semanal, os marcadores de progresso e as postagens comemorativas de marcos importantes da leitura funcionavam como elementos de motivação contínua. Esses dispositivos discursivos, “Estamos quase na metade!”, “Sobrevivemos às notas do capítulo X!”, atuavam como reforçadores positivos, transformando cada avanço no texto em conquista coletiva. Assim, o projeto demonstrou que o engajamento pode ser impulsionado por estruturas narrativas e sociais que atribuem sentido emocional ao progresso.

No entanto, a análise do projeto também revela desafios significativos. O primeiro deles está diretamente relacionado ao grau de complexidade de Graça Infinita. Mesmo com o apoio da comunidade e dos mediadores, um número expressivo de participantes não conseguiu acompanhar o ritmo das leituras ou desistiu antes da

conclusão do projeto. Esse fenômeno expõe uma tensão inerente à mediação: ainda que o mediador busque reduzir barreiras, a própria natureza do texto pode impor limites ao acesso e à permanência. Isso remete à reflexão de Azevedo e Ogécime (2020), segundo a qual a mediação não elimina as dificuldades cognitivas, mas cria condições para enfrentá-las, nem sempre suficientes para todos os leitores.

Outro desafio diz respeito à assimetria de conhecimento entre os participantes. A pluralidade da comunidade, iniciantes, estudiosos de Wallace, leitores ocasionais, gerou, em alguns momentos, hierarquias implícitas, nas quais leitores mais experientes dominavam as discussões. Apesar da horizontalidade ser um princípio do projeto, nem sempre todos os leitores se sentiam igualmente autorizados a interpretar a obra. Essa tensão confirma o argumento de Almeida Júnior (2015) de que a mediação dialógica deve estar atenta às desigualdades simbólicas entre os sujeitos, para que a participação seja efetivamente emancipatória.

Nesse sentido, a apropriação cultural de Graça Infinita pelos participantes do *Infinite Summer* constitui uma dimensão relevante para compreender a articulação entre os sujeitos em torno da fruição literária, mesmo diante de toda a sua complexidade no ambiente digital. A experiência não se restringiu ao contato individual com o romance, mas envolveu a produção e a circulação de comentários, interpretações, discussões e diferentes formas de interação com a obra, fazendo com que os leitores também participassem da construção dos sentidos atribuídos ao texto. Essa dinâmica evidencia que a leitura em ambiente digital pode ultrapassar a recepção passiva da obra, constituindo um processo coletivo de apropriação, no qual diferentes sujeitos compartilham suas experiências e contribuem para a formação de uma comunidade leitora.

Além disso, o fôlego emocional necessário para manter-se no grupo revelou-se extenuante para alguns leitores. Os comentários sugerem que, em determinados momentos, a pressão comunitária para “não ficar para trás” gerava ansiedade. Assim, a comunidade que, em princípio, acolhia, também produzia demandas não declaradas que podiam afastar participantes com ritmos de leitura distintos. Esse fenômeno evidencia que comunidades digitais podem operar como dispositivos de pertencimento e exclusão simultaneamente. Em síntese, os fatores de engajamento e os desafios do *Infinite Summer* evidenciam que:

- a participação contínua depende tanto da estrutura quanto da

afetividade;

- a mediação colaborativa fortalece o vínculo com o texto, mas não elimina dificuldades cognitivas;
- a diversidade de plataformas aumenta o acesso, mas pode gerar múltiplas desigualdades de fala;
- a democratização do literário exige manejo cuidadoso das pressões implícitas do coletivo;
- a lógica algorítmica das plataformas digitais precisam ser discutidas e estrategicamente estudadas pelos mediadores.

Esses achados reforçam o argumento central desta pesquisa: a mediação digital da leitura pode ser transformadora, mas precisa ser consciente, cuidadosa, sensível às trajetórias individuais de cada leitor, e crítica sobre o processo de mercantilização e manipulação do ecossistema digital.

Na categoria Lições para a mediação literária digital a análise do *Infinite Summer* evidencia que a mediação literária digital pode atuar como uma alternativa potente para enfrentar a crise de engajamento com a leitura literária, especialmente no que diz respeito às obras de maior complexidade estética. O caso analisado demonstra que a mediação em ambientes virtuais, quando orientada por princípios dialógicos, éticos, críticos e de inclusão simbólica, poderia contribuir para a construção de sentido, de vínculos e de prazer compartilhado.

A primeira lição está relacionada à dimensão comunitária da leitura. A experiência coletiva, além de reduzir as barreiras individuais impostas pela dificuldade do texto, também transforma a leitura em evento social. Essa perspectiva dialoga com Petit (2009), para quem o encontro literário é antes de tudo uma experiência de relação: com o texto, com o outro e consigo mesmo. O *Infinite Summer* confirma que a mediação digital pode gerar, mesmo à distância, uma arquitetura de pertencimento capaz de sustentar persistência e engajamento, aspectos essenciais quando se trata de obras longas e desafiadoras como Graça Infinita.

Outra contribuição importante diz respeito ao papel do mediador. A participação da equipe organizadora (curadores, leitores experientes, comunicadores voluntários) demonstra que a mediação digital não é espontânea: ela exige planejamento, coordenação, reflexões críticas e acompanhamento contínuo. Almeida Júnior (2015) ressalta que o mediador deve atuar como “parceiro de leitura”, oferecendo suporte

para que o leitor se sinta legitimado a interpretar e interagir com a obra. No *Infinite Summer*, os mediadores exerceram funções variadas: orientar cronogramas, sugerir discussões, acolher dúvidas, celebrar conquistas e fortalecer a permanência. Essa multifuncionalidade mostra que a mediação digital se aproxima da figura de um anfitrião literário, responsável por alimentar a dinâmica coletiva.

A experiência também ensina que a mediação digital se fortalece quando incorpora dimensões afetivas, lúdicas e performativas. As celebrações semanais, os memes, as brincadeiras sobre as notas de rodapé e a construção de pequenas narrativas sobre a rotina da leitura fizeram com que o projeto traduzisse a complexidade de Wallace em elementos de humor e leveza.

Por fim, o *Infinite Summer* possibilitou a compreensão de que a mediação literária digital pode ser uma política de formação de leitores, desde que sustentada por: propósito claro (leitura integral da obra); calendário estruturado (compromisso coletivo contínuo); materiais de orientação (guias, resumos, fontes externas); diversidade de espaços de fala; estímulo afetivo permanente; liderança mediadora ativa; reconhecimento das dificuldades do leitor e das lógicas da cultura algorítmica das plataformas e redes digitais.

8 Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar como o projeto *Infinite Summer* configurou um modelo de mediação literária digital aplicada à leitura coletiva de uma obra complexa como Graça Infinita, de David Foster Wallace, buscando identificar estratégias, dinâmicas e potencialidades que possam inspirar a prática bibliotecária na promoção da leitura. Tal investigação partiu do reconhecimento de que a literatura, especialmente em suas manifestações mais complexas e desafiadoras, exige condições materiais, simbólicas e sociais para a sua efetiva apropriação.

Ao longo do percurso teórico, verificou-se que as transformações contemporâneas no ecossistema informacional, marcadas pela convergência de mídias, pelo excesso informacional e pela crescente mediação digital nas práticas culturais, ampliaram o escopo de atuação do bibliotecário, reposicionando-o como agente cultural, comunicador do saber e facilitador de experiências de leitura. A literatura sobre mediação reforça que a promoção da leitura não se reduz à oferta de

acervos, mas se materializa na construção de vínculos, na escuta sensível, na curadoria crítica de sentidos e na constituição de comunidades leitoras. Nessa perspectiva, a mediação literária se revela como uma prática política de democratização do acesso à cultura escrita.

A análise do caso *Infinite Summer* permitiu identificar elementos para a permanência e o engajamento de leitores diante de um romance de alta complexidade narrativa. Entre esses elementos, destacaram-se: a existência de um cronograma compartilhado e flexível; a oferta contínua de paratextos e materiais de apoio; a criação de um espaço digital de debate horizontal e colaborativo; e o fortalecimento de um sentimento de pertencimento comunitário que transforma o ato solitário da leitura em experiência social. Esses fatores, quando articulados, mitigam a sensação de inadequação e os abandonos precoces, comuns em leituras desafiadoras, e demonstram o potencial de iniciativas coletivas na formação de leitores críticos.

Além disso, observou-se que o sucesso do *Infinite Summer* não se deveu somente a aspectos tecnológicos, mas principalmente a dimensões humanas e relacionais da mediação: acolhimento, compartilhamento, empatia e coautoria interpretativa. Tal constatação reforça que a atuação bibliotecária não deve se limitar à adoção de plataformas digitais, mas envolver a construção de laços e identidades leitoras que dão sentido ao coletivo.

Desse modo, este estudo demonstra que o modelo do *Infinite Summer* poderia ser adaptado e integrado às bibliotecas, desde que observadas suas particularidades institucionais, sociocomunitárias e suas características fundamentais. Por isso, não se pode prescindir do debate sobre as estruturas das plataformas digitais, as quais se configuram como dispositivos sociotécnicos (Bezerra, 2017), e interferem nos processos de apropriação cultural, o que contrasta com a função social da biblioteca, que se distancia da lógica mercantilista dos algoritmos e tem como objetivo basilar promover mediações culturais, literárias e informacionais fundadas nos diálogos, nas interações e nas emancipações leitoras.

Além disso, é importante reconhecer limites e desafios dessa adaptação e integração às bibliotecas. Ademais da discussão acima, a infraestrutura tecnológica desigual entre bibliotecas brasileiras, as dificuldades de formação profissional em competências digitais, a baixa tradição de leitura literária no país e a intermitência da participação em ambientes online constituem obstáculos reais que requerem soluções

contextualizadas, incluindo parcerias institucionais, políticas de inclusão digital e programas de formação continuada para mediadores.

Ainda assim, argumenta-se que a experimentação de estratégias inovadoras é fundamental para que as bibliotecas sejam vistas pela sociedade como elas realmente são, socialmente relevantes e promotoras da segurança informacional para tomadas de decisões na vida real. Mediando obras complexas como Graça Infinita, os bibliotecários podem ampliar o repertório literário dos leitores, e também promover experiências de pertencimento e sentido que respondem a demandas contemporâneas de comunidade, cuidado e reflexão, valores essenciais em tempos de dispersão, isolamento e entretenimento superficial.

Por fim, esta pesquisa reafirma que ler em conjunto é um gesto de resistência cultural, convivência e cuidado mútuo, especialmente quando se trata de livros que exigem coragem, como os de David Foster Wallace. A mediação bibliotecária, ao favorecer esses encontros, potencializa a biblioteca em espaço cada vez mais de pertencimento social, contribuindo para que a literatura continue cumprindo sua função mais profunda: aproximar pessoas de si mesmas e umas das outras.

Referências

ALMEIDA JÚNIOR, O. F. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, S.; SANTOS NETO, J. A.; SILVA, R. J. (org.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. p. 9-32.

ASSIS, E. P. Leitura de literatura em meio digital: a mediação pelo corpo. **Texto Digital**, Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 141-156, jan./jun. 2017. Disponível em: https://periodicos.ufsc.br/index.php/textodigital/article/view/1807-9288.2016v13n1p141/34579. Acesso em: 8 set. 2026.

AZEVEDO, K. R.; OGÉCIME, M. O papel do bibliotecário como mediador da informação na busca pelo letramento informacional. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 18, n. 20, p. 1-17, 2020. DOI 10.20396/rdbci.v018i0.8654473. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8654473/21896. Acesso em: 8 set. 2026.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BEZERRA, A. C. Vigilância e cultura algorítmica no novo regime global de mediação da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte v. 22, n.4, p. 68-81, out./dez. 2017. DOI: https://doi.org/10.1590/1981-5344/2936. Disponível

em: https://www.scielo.br/j/pci/a/zxgymJJ9DrB6xCKWtRfNHwq/?lang=pt. Acesso em: 8 set. 2026.

BUSSERT-WEBB, K.; HENRY, M. Promising digital practices: online reading communities and literary mediation. **RobotBoy Journal**, Los Angeles, v. 2, n. 1, 2017.

CARVALHO, A. C. G.; NASCIMENTO, M. G. S.; BEZERRA, M. G. A mediação da informação na narrativa oral e na história de vida: proposições dialogais. **RDBCI: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 16, n. 2, p. 461-482, 2018. DOI: 10.20396/rdbci.v16i2.8651516. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/8651516/17688. Acesso em: 8 set. 2026.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **The SAGE handbook of qualitative research**. 3. ed. Thousand Oaks: Sage, 2006.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1981.

GENETTE, G. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1987.

JENKINS, H. **Convergence culture**: where old and new media collide. New York: New York University Press, 2006.

LETZLER, D. Encyclopedic novels and the cruft of fiction: Infinite Jest's endnotes. **Studies in the Novel**, Baltimore, v. 44, n. 3, p. 304-324, 2012. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/23406575. Acesso em: 8 set. 2026.

MENDELSON, E. Encyclopedic narrative: from Dante to Pynchon. **MLN**, Baltimore, v. 91, n. 6, p. 1267-1275, 1976. DOI: https://doi.org/10.2307/2907136. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2907136. Acesso em: 8 set. 2026.

PETIT, M. **A arte de ler**: ou como resistir à adversidade. São Paulo: Editora 34, 2009.

SOUMAGNAC, K. La construction de la médiation littéraire sur internet: vers un changement de paradigme des pratiques d'écriture. **Études de Communication**, Villeneuve d'Ascq, v. 31, n. 1, p. 175-188, 2008. DOI: https://doi.org/10.4000/edc.796. Disponível em: https://journals.openedition.org/edc/796. Acesso em: 8 set. 2026.

WALLACE, D. F. **Graça infinita**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

YUNES, E. Pelo avesso: a leitura e o leitor. **Revista Letras**, Curitiba, n. 44, 1995. DOI: https://doi.org/10.5380/rel.v44i0.19078. Disponível em: https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19078. Acesso em: 8 set. 2026.

ZUBOFF, S. **A era do capitalismo de vigilância**: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2021.

Narrative, communicative, and collaborative strategies in literary mediation practices in a digital environment

Abstract

Objective: Identify the narrative, communicative, and collaborative strategies used to engage readers, in order to understand how such strategies can be interpreted as practices of literary mediation in the digital environment. **Methodology:** the research adopts a qualitative approach, exploratory and descriptive in nature, aimed at understanding symbolic and cultural phenomena related to literary reading in digital environments. **Results:** the study of the Infinite Summer project demonstrates that digital literary mediation was effective in sustaining readers' engagement with a work such as *Infinite Jest* by combining organizational, communicational, and affective strategies. At the same time, the results show that engagement depends on factors such as a sense of belonging and the collective construction of meaning, but also faces limitations related to the complexity of the work, inequalities among participants, and implicit pressures within the community environment. Finally, the research indicates that digital literary mediation can be a powerful strategy for reader development, provided that it is planned with sensitivity to individual difficulties, incorporating elements capable of transforming reading into a shared and meaningful experience. **Conclusions:** the study demonstrates that Infinite Summer established an effective model of digital literary mediation by promoting the collective reading of *Infinite Jest*, showing that reader engagement depends on the articulation of strategies. The results indicate that the elements employed favor sustained reading, while human dimensions such as empathy and support are central to the success of mediation.

Descriptors: Literary mediation. Digital culture. Collective Reading. Infinite jest. Cultural mediation.

Estrategias narrativas, comunicativas y colaborativas en las prácticas de mediación literaria em entornos digitales

Resumen

Objetivo: Identificar las estrategias narrativas, comunicacionales y colaborativas utilizadas para involucrar a los lectores, con el fin de comprender cómo dichas estrategias pueden interpretarse como prácticas de mediación literaria en el entorno digital. **Metodología:** La investigación adopta un enfoque cualitativo, de naturaleza exploratoria y descriptiva, orientado a la comprensión de los fenómenos simbólicos y culturales relacionados con la lectura literaria en entornos digitales. **Resultados:** El estudio del proyecto Infinite Summer demuestra que la mediación literaria digital resultó eficaz para sostener el compromiso de los lectores frente a una obra como La broma infinita al combinar estrategias organizacionales, comunicacionales y afectivas. Simultáneamente, los hallazgos evidencian que este compromiso depende de factores como el sentido de pertenencia y la construcción colectiva de significado, aunque

también enfrenta límites asociados a la complejidad de la obra, las desigualdades entre los participantes y las presiones implícitas del entorno comunitario. Finalmente, la investigación señala que la mediación literaria digital representa una potente estrategia para la formación de lectores, siempre que su planificación sea sensible a las dificultades individuales e incorpore elementos capaces de transformar la lectura en una experiencia compartida y significativa. **Conclusiones:** El estudio demuestra que Infinite Summer configuró un modelo eficaz de mediación literaria digital al promover la lectura colectiva de La broma infinita, evidenciando que el compromiso de los lectores depende de la articulación de diversas estrategias. Los resultados indican que los elementos empleados favorecen la constancia en la lectura, mientras que dimensiones humanas como la empatía y la acogida resultan centrales para el éxito de la mediación.

Descriptores: Mediación literaria. Cultura digital. Lectura colectiva. La broma infinita. Mediación cultural.